

Cidade do Funchal

Correndo o anno de 1418, em que Portugal, por impulso do illustre infante D. Henrique, tomára o passo a todas as mais nações no caminho da civilisação, sulcavam o Oceano, por ordem d'aquelle principe, em demanda de novas terras e novos mares, dois criados seus, ambos fidalgos, ousados e valentes. Chamavam-se João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.

O fim especial da sua viagem era o descobrimento das costas africanas; porém, sobrevindo-lhe repentina tempestade, o seu baixel, acossado dos ventos, perdeu vista da terra, e perdeu rumo.

Foi n'este estado de incerteza e anciedade que lhes appareceu pela prôa uma ilha, como taboa de salvação no meio de um naufragio. Aportando ahi, e descançando n'ella ao cabo de tantos perigos e duras fadigas, com razão lhe pozeram o nome de *Porto Santo*.

Regressando a Lisboa, foi aqui recebida com muito alvoroço a noticia d'este descobrimento, porque logo se antolhou a muita gente, e mais que a todos ao sabio infante D. Henrique, como presagio feliz da gloriosa empreza a que mettêra hombros.

Portanto, depois de uma pequena demora, eil-os novamente no mar, navegando para Porto Santo, onde vão, e mais companheiros, em o numero dos quaes se achava Bartholomeu Perestrello, fidalgo da casa do infante D. João, encarregados de povoar a ilha.

Chegados ao seu destino, todos se entregaram aos trabalhos e cuidados da lavoira. Em quanto assim andavam occupados, notaram, não sem estranheza, que, todas as vezes que a atmosphera se achava clara e pura, se descobria ao longe um negrume, sempre na mesma posição, sem mudar de logar. Este phenomeno, que ninguem sabia explicar, deu causa a muitas superstições e a alguns temores.

Levado do seu caracter aventuroso, João Gonçalves Zarco decidiu-se a ir rasgar o véo que encobria o mysterio. Dando, pois, de mão a todos os temores com que pretendiam prender-lhe a resolução, embarcou-se em um navio, e, acompanhado de alguns barcos pequenos, dirigiu-se ao ponto que o preoccupava.

No fim de curta derrota, teve a ventura de reconhecer que o tal negrume, que a tantos companheiros seus atemorisava, era terra, e, ao que parecia, formosa. Como o navio se chamava *S. Lourenço*, foi este o nome que os navegantes pozeram ao primeiro cabo que dobraram, nome que ainda conserva. Succedeu isto no dia 2 de julho de 1419.

Não permittindo desembarque o logar, por muito escabroso, foram costeando em procura de alguma praia de facil accesso. E assim tiveram occasião de observar, com grande admiração sua, uma serie de altas montanhas, todas cobertas de espesso e frondoso arvoredo e valles deliciosos, por onde corriam até se lançarem no mar muitas ribeiras caudalosas.

Tal foi o modo por que se descobriu esse verdadeiro éden, que o Creador fez surgir das entranhas do mar, e ao qual os descobridores denominaram *ilha da Madeira*, em razão dos bosques cerrados que por todos os lados a vestiam.

Vamos transcrever o que diz o padre Cordeiro na sua *Historia Insulana*, proseguindo a narração d'este descobrimento, principalmente para que os nossos leitores sáibam a etymologia de varios nomes postos pelos descobridores a alguns cabos, portos e sitios da mesma ilha, e pelos quaes ainda hoje são designados.

«... logo ao outro dia, 3 de julho, o capitão e o piloto se metteram em um batel, e outros nobres em outro que governava um Alvaro Affonso, e assim correndo a costa junto a ella, e observando as pontas, praias, ribeiras e fontes de boas aguas; e porque uma saía de um seixo, se lhe poz por nome *porto do Seixo;* e porque n'outra parte, mais abaixo, acharam uns páos derrubados com o vento, mandou o capitão fazer d'elles uma cruz, e arvoral-a alli mesmo; e ficou ao tal logar por nome *Santa Cruz*, que foi depois nobre villa da capitania de Machico. Chegando mais abaixo,

a uma grande e alta ponta que a terra alli faz ao mar, viram innumeraveis aves, que se lhes vinham pôr sobre as cabeças e remos, que por nome lhe ficou *ponta do Garajão* (era o nome das aves), tres para quatro legoas de Machico para o occidente. D'esta ponta, duas legoas adiante, se vê outra, que com a primeira faz enseada, muito aprazivel, raza com o mar, e de arvoredo muito uniforme, sobre a qual se deixavam ver os cedros então altissimos. Logo entre as duas pontas acharam uma ribeira, e lhe chamaram de *Gonçalo Ayres*, por n'ella desembarcar este nobre homem, e ir ver se achava animaes ferozes e só aves achar. Repararam logo em um valle, que faz aquella bahia entre as duas pontas, e porque o viram coberto de seixos, sem arvoredo algum, cheio só de funchos, e por entre elles vindo tres ribeiras, chamaram a este porto o *Funchal*, que depois foi e hoje é a nobre cidade d'esta ilha; no cabo da qual estão dois ilhéos, onde passaram a noite (com as aves que tomaram), mas dormindo nos bateis. Pela manhã passaram á segunda ponta que tinham observado, e por arvorarem n'ella uma cruz, lhe ficou por nome *Pontal da Cruz;* e logo, dobrando-a, deram com uma formosa praia, e lhe chamaram a *praia Formosa*. Mais adiante, viram entrar no mar uma grande ribeira, a qual querendo passar a vau uns mancebos de Lagos, d'ella foram tão arrebatados que, se lhes não acudira o batel, perigariam n'ella, e por isso lhe chamaram a *ribeira dos Accorridos* (soccorridos), e passando-a viram duas pontas que da ilha entravam no mar, e entre ellas uma grande lapa ou camara de pedra e rocha viva, onde, entrando os bateis, tantos lobos marinhos viram n'ella, que lhe chamaram *Camara de Lobos*, e se recrearam matando a muitos, e até o capitão João Gonçalves Zarco d'aqui tomou o chamar-se João Gonçalves da Camara, como abaixo veremos; e porque logo se seguiu a ponta d'onde tinham começado esta volta que deram pela costa a toda a ilha, por isso lhe chamaram a *ponta do Girão*, e d'esta com a noite se recolheram ao ilhéo, d'onde tinham começado aquella volta, e em a manhã se recolheram todos ao seu navio. Voltados logo em o outro dia para Portugal, e chegados a Lisboa com taes novas e signaes da nova ilha, tanto os festejaram os senhores reis, e nosso infante, pae e filho, que mandaram fazer logo procissões publicas de acção de graças a Deus; deram nome á nova terra de *ilha da Madeira*, pela muita de que estava coberta; e el-rei tomou por fidalgo de sua casa ao descobridor João Gonçalves da Camara, e lhe deu por armas um escudo em campo verde, e n'elle uma torre de homenagem, com uma cruz de oiro, e dois lobos marinhos encostados á torre com paquife [1] e folhagens vermelhas e verdes, e por timbre outro lobo marinho assentado em cima do paquife; e demais lhe fez el-rei mercê de capitão donatario da jurisdicção do Funchal, que é jurisdicção de metade da dita ilha, e de juro e herdade para elle e seus successores; e assim este ditoso capitão ficou sendo o chefe e primeiro tronco das illustres familias dos Camaras, tão estendidas e augmentadas [2].»

Assim que a el-rei D. João I e ao infante D. Henrique constou a noticia d'este novo e importante descobrimento, trataram logo de dividir a ilha em duas capitanias, nomeando-lhes por donatarios para o seu governo os dois descobridores Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, provendo a cultura e povoação d'ella.

Entrando João Gonçalves Zarco, ou Zargo, na posse da capitania do districto do Funchal, como acima fica dito, cuidou este immediatamente de fundar n'esse valle cheio de seixos e funchos a primeira povoação da ilha, a qual recebeu o mesmo nome que todo o districto já tinha tomado das plantas que cobriam o valle.

Em quanto chegavam novos colonos das terras de Portugal, e se augmentavam as edificações, abrindo-se novas ruas e praças, o grande infante D. Henrique, com aquelle zêlo que jámais cançava, e com aquella solicitude e sabedoria que a tudo chegava, e de tudo entendia, mandava buscar á Sicilia a canna de assucar, e á ilha de Candia os bacelos da Malvasia, que, transportados para a ilha da Madeira, ahi se plantaram, e por tal modo se multiplicaram, que em breve constituiram dois ramos importantissimos da riqueza publica.

Para desaffrontar a terra dos arvoredos cerrados que a vestiam foi preciso empregar o fogo. A tradição popular, dando vulto phantastico a este successo, refere que durára o incendio sete annos. O que é certo, porque n'isso concordam todas as memorias do tempo da descoberta, algumas d'ellas escriptas, é que um *bosque impenetravel* cobria toda a ilha. Os seguintes trechos de um manuscripto antigo, que vem copiados na excellente obra do sr. Francisco Travassos Valdez, intitulada *Africa Occidental*, explica as arvores e plantas de que se compunha:

«Uma vegetação verdadeiramente maravilhosa cobria a ilha com plantas indigenas e infructiferas, pela maior parte desconhecidas na Europa, elevando-se a uma altura prodigiosa o *cedro*, o *loureiro*, o *til*, o *vinhatico*, o *azevinho*, o *aderno*, o *teixo*, o *páo-branco* e o *dragoeiro*, misturado aqui e acolá com lindos arbustos de *folhado*, da *faia*, da *urze*, da *murta* e da *uveira*, formando assim um continuo *bosque impenetravel*.

«A parte mais cerrada era tapetada por várias e innumeraveis plantas, algumas odoriferas e outras cheias de flor, mesclando-se o *medronheiro* com a *relva*, o *feto*, o *musgo* e o *agarico;* e erguendo-se no centro a *silva*, a *hera*, o *alegra-campo* e outras plantas trepadeiras sempre verdejantes, que entrelaçavam os seus festões de ramo em ramo, e davam uma agradavel sombra a uma formosa terra toda revestida de vegetação, e rebentando em innumeraveis nascentes de agua a mais pura e saudavel. Não havia nenhum quadrupede de qualquer especie, e a custo se encontrava algum animal amphibio; mas sobre estas silenciosas solidões voavam a uma altura immensa diversas aves de rapina, e dez differentes especies de aves de canto faziam resoar a sua meiga melodia, assim como nos altos rochedos de origem volcanica, que bordavam o litoral, se viam os ninhos de algumas qualidades de aves aquaticas, mostrando a natureza tambem a sua abundancia na familia dos insectos.»

No anno de 1451 el-rei D. Affonso V creou villa a povoação do Funchal, dando-lhe foral, que depois ampliou em 1472.

Crescendo rapidamente pelo desenvolvimento da agricultura, cujos principaes productos, assucar e vinho, ao mesmo tempo que enriqueciam os lavradores, attrahiam continuamente á ilha novos colonos, el-rei D. Manuel elevou a villa do Funchal á cathegoria de cidade no anno de 1508. Seis annos depois, o papa Leão X, por solicitação do mesmo soberano, erigiu a ilha da Madeira em bispado, sob o titulo de *diocese da Madeira e Arguim*. E no reinado de D. João III o papa Clemente VII, cedendo aos rogos d'este monarcha, elevou esta diocese a metropolitana, no anno de 1537, e assignalou-lhe por suffraganeos os bispados de Angra, de Cabo Verde, de S. Thomé, que abrangia os reinos de Angola e Congo, e o bispado de Góa, que se estendia pela India Oriental. Então intitularam-se os arcebispos do Funchal primazes das Indias.

Não gozou, todavia, por muitos annos tão eminente prerogativa. Os estados portuguezes da India engrandeceram-se em breve, e a diocese de Goa foi elevada á dignidade archiepiscopal, com o titulo de primaz do

[1] Paquife é um termo de armaria, com o qual se designam as folhagens que sáem do elmo, e as plumas que coroam o mesmo elmo.

[2] A descoberta da ilha da Madeira deu assumpto a um poema épico, em dez cantos, intitulado *A Zargueida*, impresso em 1806, e composto por Francisco de Paula Medina e Vasconcellos, natural da mesma ilha.

Oriente. D'est'arte foi despojada a diocese do Funchal da jurisdicção metropolitana, tornando a ficar constituida séde episcopal suffraganea do arcebispado, depois patriarchado de Lisboa. Correndo o anno de 1566, foi a cidade do Funchal accommettida e entrada por piratas francezes, huguenotes, que tendo saído do porto da Rochella, desembarcaram na ilha sem serem presentidos, e de improviso se apresentaram á porta da cidade. Assim se apoderaram sem resistencia da povoação, onde praticaram toda a sorte de attentados, recolhendo-se a final ás suas embarcações com um rico despojo, em que entravam as pratas e alfaias das egrejas, o qual foi avaliado em mais de duzentos contos de réis.

Comtudo, tão fertil é o solo da Madeira e tal o valor dos seus productos, que em poucos annos tinha a cidade do Funchal resarcido esse grande prejuizo.

Por morte do cardeal rei D. Henrique, sujeitou-se a cidade e toda a ilha ao jugo de Castella, mas promptamente o sacudiu, quando lhe chegou a noticia de que a metropole tinha acclamado a el-rei D. João IV.

Foi occupada pelos inglezes em 1801 sob pretexto de evitarem que caísse em poder dos francezes. Evacuaram-n'a algum tempo depois, tornando a occupal-a em 1807, quando o principe regente, pouco antes da invasão franceza, mas já aterrado com as ameaças de Napoleão I, se decidiu pela alliança com a França contra a Inglaterra. Não obstante restabelecerem-se em breve as boas relações entre Portugal e a Gran-Bretanha, continuou a occupação ingleza na Madeira, como defesa contra qualquer aggressão da França, até que pela paz geral de 1814 foi restituida ás auctoridades e guarnição portuguezas.

Obrigada pela força das armas em 1828 a render obediencia ao governo do sr. D. Miguel de Bragança, depois de se ter feito acclamar rei, foi libertada em 1832.

Desde então a sua historia não tem tido successos notaveis a registar, a não serem a visita de alguns soberanos e principes, e as invasões de algumas epidemias que tem assolado a ilha, devendo contar-se em o numero d'estas calamidades o *oidium*, que destruiu as vinhas na sua maior parte, e que se manifestou alli primeiro que em Portugal.

Visitaram e residiram por algum tempo na cidade do Funchal a rainha Adelaide, viuva de Guilherme IV, rei de Inglaterra; sua magestade imperial a sra. duqueza de Bragança, e sua augusta filha, a formosa e mallograda princeza D. Amelia, que alli falleceu no verdor dos annos, victima de uma ptysica pulmonar; a imperatriz de Austria, mulher do actual imperador Francisco II; o principe Maximiliano, duque de Leuchtemberg, irmão de sua magestade a imperatriz duqueza de Bragança, e genro do fallecido imperador da Russia Nicolau I.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O FOGO

(Vid. pag. 187)

VII

FOGOS CÓRADOS

Pouco conhecida na Europa até aos fins do seculo XVII, a arte de compor fogos de artificio começou a fazer progressos no seculo XVIII. No anno de 1770, para solemnisar o casamento do delphim de França, depois Luiz XVI, com Maria Antonietta de Austria, foi lançado na noite de 30 de maio, na praça de Luiz XV, hoje da Concordia, um grande fogo de artificio da composição dos celebres irmãos Ruggieris. N'esta fatal noite, apenas algumas peças de fogo de artificio tinham sido atiradas, quando um foguete mal dirigido inflammou o grande *bouquet* e as decorações que se achavam proximas; a multidão de povo que enchia a praça começou a recuar pelos esforços dos individuos que mais perto se achavam do centro, e que se sentiam queimados pelas peças de fogo de artificio: d'este accidente resultou serem esmagadas muitas pessoas, grande numero caíndo em fossos, que imprudentemente tinham deixado ficar abertos nos lados da praça, quebrando pernas, braços e cabeças centenanares de creaturas, que ahi eram precipitadas pelos empuxões da multidão. O numero de mortos foi superior a seis mil. A terrivel catastrophe agoirava mal o reinado do infeliz Luiz XVI.

No seculo XIX grandes progressos tem feito as artes pyrotechnicas, já na composição dos fogos córados, já nas decorações, nos foguetes, etc.

As côres das chammas na combustão das diversas composições pyrotechnicas, dependem em geral das substancias solidas que lhes são interpostas. O fogo encarnado, ou purpurino, tem por base o nitrato de estronciana. Foi em 1787 que a estronciana foi trazida a Edinburgh por um negociante vindo das minas de chumbo de Strontian, em Argyle Shire. Basta introduzir o nitrato de estronciana sêcco n'uma chamma de alcool para dar a esta uma bella côr encarnada. Eis a composição de um lindo fogo encarnado: — Nitrato de estronciana bem sêcco, em pó, 100; enxofre fino, 32,5; carvão em pó, 10; chlorato de potassa em pó, 13.

O fogo verde tem por base o nitrato de baryta. Eis a composição: — Nitrato de baryta, 26; enxofre, 11; chlorato de potassa, 11.

O fogo azul tem por base o sulphato de çobre ammoniacal. Eis a sua composição: — Chlorato de potassa, 12; enxofre, 4; sulphato de cobre ammoniacal, 4.

O fogo roxo tem por base o sulphato de estronciana. A sua composição é a seguinte: — Chlorato de potassa, 24; enxofre 24; sulphato de estronciana, 18; carbonato de cobre, 1.

O fogo branco de Bengala tem a seguinte composição: — Salitre 24; enxofre, 7; sulphureto de arsenico (rosalgar), 2.

Eis o modo de obter um lindo fogo verde debaixo de agua: — N'um grande copo de vidro deite-se 6 centilitros de agua; n'esta agua deite-se dois bocados de phosphoro, e em seguida 2 grammas de chlorato de potassa; por meio de um funil de vidro e de um tubo chegando ao fundo, deite-se 10 grammas de acido sulphurico; este, em contacto com o chlorato de potassa e o phosphoro, produz grandes traços de fogo; n'estas circunstancias, deite-se na mistura um bocado de phosphureto de calcio; immediatamente uma corrente de fogo verde passará através do liquido.

As estrellas de fogo são formadas de: — Salitre, 3,2; enxofre, 1,6; polvora fina, 1,1; vidro moido, 0,9; gomma arabica, 0,02; alcool, 1.

Para a chuva de oiro a composição é: — Polverinho, 5; enxofre, 1; gomma arabica, 1; oxydo de zinco, 1,6; carvão, 1; salitre, 1; alcool 1.

Para os serpenteados a composição é: — Salitre, 16; polverinho, 4; enxofre, 4; carvão humedecido, 2; limalha de aço, 6.

VIII

FOGOS FATUOS

O nuit d'été, paix du village
Ciel pur, doux parfums, frais ruisseau,
Vous embellissiez mon berceau;
Consolez moi dans un autre age,
Las du monde, ici je me plais:
Tout y retrace mon enfance,
Oui, tout, jusqu'à ces feux follets;
Jadis leur éclat et leur danse
M'auraient fait fuir à pas pressés.
J'ai perdu ma douce ignorance
Follets, dansez, dansez, dansez.

Béranger.

Se n'alguma tarde de verão serena e pura fordes a um cemiterio depor uma saudade junto á sepultura de algum ente querido, e se, embebido nas vossas

recordações, só fordes d'ellas distrahido pela apparição de pequenas luzes muito leves e vaporosas, que saltam a pequena distancia do solo, não vos assusteis. Não são almas do outro mundo que andam penando, e que, segundo as superstições populares, vem pedir-vos orações. Não são as bruxas que vem á procura dos cadaveres para fazerem os seus sortilegios. Tambem, infelizmente para vós, não são aquelles cuja perda choraes que vem abraçar-vos e repetir as mil expressões amorosas que outr'ora vos encantavam. São os fogos fatuos; são a triste consequencia da nossa ephemera existencia; são o resultado da decomposição dos corpos cuja vida se extinguiu.

Na composição dos corpos animaes entram, além de outras substancias, o phosphoro e o hydrogeneo: quando, pela cessação da vida, começa a putrefacção, pela decomposição que as materias organicas experimentam, o phosphoro e o hydrogenio, libertando-se, ou saíndo das combinações em que estavam, n'este estado nascente combinam-se um com o outro, e formam um corpo, o phosphureto de hydrogeneo, que é gazoso e se evole para o ar, em cuja presença se decompõe, inflammando-se espontaneamente. Combina-se o phosphoro com o oxygeneo formando o acido phosphorico, e o hydrogeneo combina-se com o oxygeneo e fórma a agua.

É sobre tudo nos cemiterios onde ha corpos mortos em putrefacção, e tambem nos terrenos pantanosos e perto dos rios, que os fogos fatuos apparecem. A sua ligeireza é tão grande, que são arrastados com a menor corrente de ar, de modo que, correndo uma pessoa sobre elles, fogem; e se, pelo contrário, uma pessoa corre para o lado opposto, os fogos fatuos seguem-n'a. D'aqui vem a crença popular de que os fogos fatuos correm atraz de quem tem medo, e fogem das pessoas que não tem receio.

Segundo crença tambem supersticiosa que ha em alguns campos, os fogos fatuos attrahem a si os individuos perdidos, e os conduzem a algum rio ou abysmo, onde se precipitam.

Eis-aqui ainda alguns versos de Béranger sobre os fogos fatuos:

Quand j'aimai Rose au cœur candide,
Un peu d'or eut comblé nos vœux.
Devant moi passe un de ces feux:
Vers des tresors qu'il soit mon guide.
J'ose le suivre, mais, helas!
Dans l'étang que se ruisseau creuse,
Je tombe et je ne péris pas!
A-t'il ri de ta chute affreuse?
Disent encor des insensés.
Non, mais sans moi Rose est heureuse,
Follets, dansez, dansez, dansez.

Os fogos fatuos resultam principalmente da decomposição da materia cerebral e nervosa dos animaes, sobre tudo do homem. Apparecem mais frequentemente no começo das noites que se seguem a dias muito quentes e serenos.

Pódem-se facilmente obter fogos fatuos artificiaes. Eis a maneira de dispor as experiencias (fig. 16): Dentro de um balão (B) de vidro introduzem-se pequenas espheras de cal, tendo no interior bocadinhos de phosphoro; acaba-se de encher de cal, e adapta-se ao balão uma rolha com um tubo de vidro curvo (t), que se abre debaixo da agua contida n'uma tina (T). Aquecendo o balão inferiormente por meio de uma lampada de alcool (L), ao fim de poucos instantes veremos rebentar acima da agua da tina bolhas de gaz que, apenas em contacto com o ar, espontaneamente se inflammarão, produzindo bellas coroas brancas que se elevarão na atmosphera.

Na experiencia descripta o phosphoro, pela acção do calor, combina-se com o hydrogeneo da agua que contém a cal, e fórma-se o phosphureto de hydrogeneo, gaz que se evole, e que, apenas em contacto com o ar, espontaneamente se inflamma.

Tambem se póde artificialmente obter o phosphureto de hydrogeneo deitando dentro de um copo com agua pequenos fragmentos de phosphureto de calcio, corpo composto de phosphoro e calcio, e que em presença da agua se decompõe.

(Continua) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

TEMPESTADES DE ALDEIA

(Vid. pag. 212)

VI

«Sou filho de Oeiras, principiou o estranho. Meus paes eram uns pobres saloios, que mal tinham com que sustentar os numerosos filhos que Deus lhes déra. Felizmente, meu padrinho, que era um sujeito de Lisboa, velho e solteiro, tomou-me para a sua companhia, e prometteu fazer a minha felicidade. Tal se não realisou, porque, depois de me ter dado um principio de educação, morreu quando eu tinha quatorze annos, e vi-me obrigado a voltar para a minha familia.

«Apesar de eu ser uma criança quando voltei para Oeiras, os poucos annos que vivi na cidade tinham sido bastantes para me desgostarem das occupações rusticas e do trabalho grosseiro, sem me darem habilitações sufficientes para me empregar em outros misteres. Resultou d'ahi o eu começar a tender para a mandrice, e a preferir o divertimento e a dança ao trabalho da enxada e aos carregos.

«Meu pae reprehendia-me; mas, occupado tambem lá com o seu tráfego, não me podia vigiar; minha mãe, essa revia-se em mim, e não havia culpas que me não perdoasse, nem desejo meu a que não accedesse.

«Desejei ter uma guitarra, minha mãe tanto fez que me comprou uma guitarra; desejei ter uma espingarda; minha mãe esteve dois annos a fazer economias, no fim de dois annos deu-me uma espingarda. Meu pae ralhava muito com ella; mas a santa mulher desatava a chorar, e meu pae, que era um coração de pomba, nunca mais lhe disse palavra a esse respeito.

«Mas meus irmãos é que não faziam o mesmo. Desesperados por me verem ser o Benjamim da casa, queixavam-se em alta voz e chegavam a ameaçar-me: «Andâmos nós aqui a moirejar, diziam elles, para este mandrião ter tudo quanto deseja. Á custa do nosso suor é que elle anda por ahi pimpão que nem um casaca da cidade.» Se estas reprehensões, em vez de me serem feitas com modo acerbo, me fossem feitas amigavelmente, e principalmente se as formulasse a doce voz de minha mãe, era provavel que influissem no meu caracter; porque eu por indole era amoravel e tinha bom coração. Mas as recriminações de meus irmãos irritavam-me, e não faziam senão inspirar-me desejos de vingança.

«Assim fui crescendo até que completei os meus dezoito annos. Ninguem ha de dizer tal, agora que estou velho prematuramente, e que os desgostos e os remorsos me desfiguraram e estamparam na minha fronte o sêllo da maldição; mas a verdade é que eu era um lindo rapaz. Córado, olhos vivos, peito robusto, cintura elegante, e as mãos muito brancas, porque eu, como lhe disse, pouco trabalhava, e minha mãe, que toda se enlevava na minha louçania, comprava-me sabonetes e essencias sempre que ia á cidade, e todo o seu gosto era apurar-me ao domingo, mirar-se e remirar-se nas minhas mãos, que envergonhavam as de todas as raparigas da nossa classe,

e encostar-se depois toda ufana ao meu braço para ir á missa, mostrando com desvanecimento o seu Antonio a todas as suas amigas e conhecidas.

«Os velhos meneavam a cabeça tristemente quando me viam passar; as velhas resmungavam: «Fazes bem, Jacintha Maria, elle te dará o pago;» os rapazes olhavam-me com inveja, e as raparigas, essas miravam-me ás furtadelas com olhares amorosos, a que eu correspondia com jubilo; porque tudo o mais me era indifferente, com tanto que agradasse ás mulheres. O amor era o meu unico pensamento, a sensualidade o meu unico prazer.

«Tambem devo dizel-o; ao passo que não havia por aquelles arredores rapaz mais garboso do que eu, não o havia tambem mais destro nos exercicios a que me queria applicar. Como póde imaginar, esses exercicios não eram os do trabalho util, não; em que eu me aprimorava era em conquistar prendas que me ajudassem a conquistar os corações das guapas moçoilas d'aquelle sitio; tocava guitarra com rara pericia, e ninguem melhor do que eu sabia fazer expirar languidamente os sons nas cordas desferidas cada vez mais brando, até que de todo esmorecessem, como a palavra «amor» vae sendo proferida cada vez em tom mais baixo até que morre de todo nos labios frementes que se confundem em férvido deliquio.»


Fig. 15—Fogos fatuos

Um ligeiro suspiro do sacerdote interrompeu n'esse ponto a narração do poeta saloio. Este parou, julgando que o seu confessor lhe ia dizer alguma coisa.

—Continue, continue, murmurou o capellão. Não perco uma palavra.

E era verdade. O brilho dos olhos, o tremor dos labios, indicavam bem claramente a férvida attenção que o sacerdote prestava á narrativa d'esses doces e veniaes peccados, que, a serem commettidos por elle, se transformariam em crimes horrorosos.

O saloio continuou:

«Havia uma coisa em que eu tambem não era menos destro, era no atirar da espingarda. Bem desejaria eu viver em terra onde fosse lucrativo o officio de caçador; porque eu envergonhava-me de ser pesado á minha familia, mas ao mesmo tempo não me podia resignar a callejar as minhas mãos tão finas, a macular-lhes a sua pelle tão branca. Tambem devo dizer que não encontrei raparigas que se não rendessem aos meus protestos enamorados. O Antonio Domingues era o querido das saloias. N'essas lindas noites de luar de agosto, porta defronte da qual eu me fosse postar, ou sósinho com a guitarra na mão a modular cantigas melancolicas, ou na companhia de outros a cantar ao desafio, abria-se logo; se ia sósinho, para a rapariga que assomava no limiar corresponder ás minhas finezas, muito mais polidas e bem torneadas do que as dos outros, com protestos apaixonados e provas d'essa paixão; se ia acompanhado, para me dar n'um sorriso e n'um olhar fervente a coroa da lucta poetica e fazer damnar os meus companheiros, já enfadados das minhas constantes victorias. Não imagine, meu padre, que me estou comprazendo em relembrar estes frivolos triumphos por mera vaidade de conquistador irresistivel de corações femininos; não; estou-lhe dizendo tudo isto porque estas victorias faceis são a explicação, não ouso dizer desculpa, do crime que depois tentei commetter, e do crime involuntario que commetti. Mas admira que, sendo tão mimoso da fortuna, e possuindo um genio irritavel, o meu exaspero não conhecesse limites quando ella pela primeira vez me mostrou rosto adverso!

«Requestava meu irmão mais velho uma rapariga, que parecia corresponder ao extremo que ella lhe consagrava. Bem via eu que ella não era menos insensivel do que as outras ás melodias da minha guitarra e ás seducções da minha voz. Respeitára, porém, até ahi o amor sincero de meu irmão, e apesar de ver perfeitamente que, ainda quando estavam em ternos colloquios, se por acaso eu passava, sempre ella ficava mais distrahida, e deixava de relance os seus olhos procurarem os meus, fingia que não dava por tal e continuava o meu caminho, sorrindo de mim para mim com louca vaidade, da cegueira de meu irmão. Já isso era grande sacrificio para quem não pensava senão em colher o perfume de todas as flores, e incender-se no fulgor de todas as estrellas.

«Um dia, porém, foi a tentação irresistivel. A travêssa rapariga, apesar de não ser uma belleza, era galante e de mais a mais airosa como nenhuma. Houvera um arraial, e dança por conseguinte. Coube-me ser o seu par nas danças das modas. Cingi-lhe a cintura, e achei-a elegante e flexivel como a haste de um lyrio. Não pude conter-me, e, apesar da presença de meu irmão, comecei a entabolar namoro. Ella nem por sombras se mostrou esquiva. D'alli a pouco estavamos embebidos n'uma palestra, que fazia com que nos descuidassemos de cantar quando chegava a nossa vez, e com que praticassemos mil outras inconveniencias em que todos reparavam, e que todos censuravam.



Fig. 16—Desenvolvimento artificial dos fogos fatuos

«Quando acabou a dança, passei por ao pé de meu irmão; estava pallido como um cadaver. Então caí em mim, e protestei não olhar mais para o diabrete da saloia. Assim fiz n'essa noite; mas os olhos d'ella perseguiam-me em toda a parte para onde eu ia, e augmentavam, de certo, o merecimento do meu sacrificio. Voltámos para casa, e meu irmão sem me dizer palavra! Cheguei a suppor que elle nada tinha observado. Mas como não era o medo e sim o remorso quem me dictára a resolução tomada por mim, nem por isso mudei de intenções.

«Infelizmente, no dia seguinte era domingo; eu tinha arranjado alguma polvora e algum chumbo. Levantei-me e fui á caça. Tinha de passar por defronte da casa da namorada de meu irmão. Estava ella á porta. Parei e estive talvez um quarto de hora a conversar com ella.

«Não intento desculpar-me. Praticava o mal, sabia que o praticava; mas não tinha força para combater a minha organisação, não tinha força para domar os meus instinctos.

«Não teria eu dado vinte passos depois de me separar d'ella, quando encontrei meu irmão. Estava fulo de raiva. Assim que o mirei, logo percebi que elle ouvíra tudo, e que já não estava senhor de si.

—«Bons dias, Francisco, disse-lhe eu.

«Elle cresceu para mim com um impeto furioso, e disse-me, rangendo os dentes:

—«Antonio, se te afoitas a levantar os olhos para aquella rapariga, corro-te a bofetadas.

«Eu estava trémulo como quem se sente culpado; mas, ouvindo aquellas palavras imprudentes, levantei a cara vermelha de colera, e respondi-lhe:

—«Não me ameaces, Francisco, senão...

—«Senão o quê?— acudiu elle dando mais um passo em frente.

—«Mato-te, tornei eu com os dentes cerrados.

«Mal proferíra esta palavra, estalou-me na cara uma bofetada.

«Não soltei um grito, soltei um rugido. Avancei para meu irmão, segurei-o com uma das mãos pela gola da japona, e com a outra levantei a espingarda pelo cano. Desabava-lhe em cima da cabeça a fecharia, porque, apesar dos esforços que fazia por se esquivar ao golpe, não se livrava da minha mão, que parecia uma tenaz de ferro, quando de repente me surgiu diante dos olhos o livido espectro do fratricidio. Passaram-me rapidamente na phantasia a imagem de minha mãe debulhada em prantos, o vulto venerando de meu pae, que me bradava: «Caim!» Recuei, larguei meu irmão, e deitei a fugir, soltando um grito de horror.

«Entrei em casa; todos dormiam, porque ainda não seriam talvez cinco horas da manhã. Mil pensamentos diversos me abrazavam a mente: o crime que eu estivera para commetter, a minha indole indomavel, a antipathia manifesta que meus irmãos me consagravam, as desgraças que podiam succeder, se se repetissem conjuncturas similhantes á d'essa manhã, em tudo isso reflecti, e resolvi fugir de casa.

«Executei a minha resolução com a mesma rapidez com que a concebêra. Beijei a soleira da porta do quarto de meus paes, derramando muitas lagrimas e comprimindo muitos soluços, e, pegando na minha espingarda e na minha guitarra, parti.

(Continua) M. PINHEIRO CHAGAS.

SAUDAÇÃO!

NA INAUGURAÇÃO DO NOVO THEATRO DO PRINCIPE REAL

(28 DE SETEMBRO DE 1865)

I

A musa das artes scenicas,
Rasgando um ádito novo,
Convida os filhos do povo,
Saúda o filho dos reis.
Esta mansão, inda timida,
Implora a vossa indulgencia:
Começa agora a existencia;
Bafejae-lh'a, que o podeis.

Ensaiando os passos trémulos,
Os olhos fitando attenta,
Ao vivo aqui representa,
Ella, a filha, vós, os paes.
Mas á luz d'auspicio angélico
Vê sorrir-lhe a confiança:
Nasceu nos braços da esp'rança
Se vós esp'ranças lhe daes.

Assentam da gloria os pórticos
Nas urnas dos sacrificios,
E abrem sobre precipicios
Onde nunca chega o sol.
Que importa, se Mão magnânima,
Que achou no berço a piedade,
Contra o horror da tempestade,
No escôlho accende o pharol?

II

Rompe entre brenhas selváticas
Haste ignota, debil planta;
Rasteja, mal se levanta
Com receio do tufão.
Um anjo, porém, solícito
Sobre ella as azas desdobra,
E eil-a surge, e alentos cobra,
Hoje flor, hontem botão.

Assim nós.—Vago crepúsculo
Nos cercava de terrores,
Quando o anjo dos amores
De entre o solio alvoreceu!
Dissemos: «ó anjo, ampára-nos!»
E o anjo em meigo sorriso,
Raio do seu paraiso,
Conforto e porvir nos deu.

Bemdito, bemdito, ó Principe,
Por nós, por todos bemdito!
Destino de Numa e Tito
No rosto gracioso está!
Passaes despertando os júbilos;
Levaes os olhos e as almas;
E o povo, em vivas e palmas,
Vos applaude e acclama já!

III

Orgulho do regio thálamo,
Herdeiro da magestade,
Penhor sois da liberdade,
E sois da patria penhor.
Deixae-nos, pois, chegar súpplices,
Mais devotos do que sabios,
Ás rosas dos vossos labios
A rosas do nosso amor!

O tributo, o preito, o óbolo
É pobre; mas a fragrancia
Cabe ao candor, cabe á infancia,
Quando a infancia é tão louçan.
Não será mácula á purpura
A flor, que ante vós descora:
É a rosa a irmã da aurora;
É a aurora a vossa irmã!

E aurora nos sois, e oráculo,
Que do vosso berço a historia
Honra diz, esforço e gloria...
Diz: Italia e Portugal!

Eis o que nos faz intrépidos!
É nosso broquel robusto
Um nome, um titulo augusto,
O do «Principe Real!»

IV

Este titulo e vós! — Pródiga,
Não nos deu mimos a sorte:
Só temos a arte por norte,
Só zêlo em nós achareis.
A musa dos livres cânticos,
Abrindo recinto novo,
Abraça os filhos do povo,
Saúda o filho dos reis!

Mendes Leal.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 209)

No meio d'esta sumptuosa capella ergue-se o tumulo do *Fundador*. Cercam-n'o as oito columnas que sustentam a cúpula, deixando muito espaço livre entre si proprias e o mausoléo. Tem este a fórma de uma grande caixa inteiriça de marmore branco, dentro da qual estão encerrados os corpos del-rei D. João I e da rainha D. Filippa, sua mulher.

Sobre o monumento avultam as estatuas dos dois soberanos, de relêvo inteiro, deitadas. El-rei está armado. Com a mão esquerda aperta a espada, e com a direita trava da destra da rainha. Esta tem um livro na mão esquerda. Ambos tem a fronte cingida com diadema. Descançam-lhes as cabeças em cima de almofadas, detraz das quaes se levantam, como doceis, dois formosos baldaquinos, todos abertos em rendas de variados feitios e delicados lavores. Nas faces do lado de fóra mostram os brazões de armas del-rei e da rainha. O de D. João I tem as quinas reaes, assentadas sobre a cruz de Aviz, e orladas com os castellos, e em cima a coroa real. O escudo de D. Filippa é bipartido, tendo de uma parte o brazão de armas do marido, e da outra o seu proprio, que é esquartelado, com os leões em dois quarteis oppostos, e as flores de liz nos outros dois.

A esculptura das estatuas não é boa; entretanto, comparadas com as que possuimos executadas nos reinados anteriores, revelam importantes progressos n'este ramo da arte. Os baldaquinos, porém, são primorosamente esculpidos, como é toda a obra de ornamentação do templo.

O friso superior do tumulo é guarnecido com um silvado em meio relêvo, alternando-se as folhas com as amoras. Entre a folhagem vê-se a letra franceza *Il me plait* muitas vezes repetida em metade da circumferencia do ornamento; e na outra metade a letra *pour bien*, do mesmo modo entresachada com as folhas e fructos, e muito repetida.

Era o mote que, ao uso do tempo, el-rei tomára para si, dando assim publico testimunho de quanto prezava o bem geral.

D'esta divisão do mote, apparecendo do lado do monarcha sómente o *Il me plait*, e do lado da rainha o *pour bien*, tiraram fundamento alguns escriptores para attribuir a D. Filippa, como empreza sua, a segunda parte do dito mote. Todavia é fóra de dúvida que, não obstante esta circumstancia que parece auctorisar de certa maneira aquella opinião, as duas partes da letra constituiam o mote usado por el-rei D. João I, e que apparece em uns logares por inteiro, e n'outros indistinctamente uma das metades.

Na face do mausoléo do lado de oeste, que é a cabeceira, achava-se esculpida a cruz da ordem da Jarreteira, circundada da liga com a letra *Hony soit qui mal y pense*. Estes relêvos, porém, foram em grande parte destruidos pelos soldados francezes, por occasião da invasão de 1810, os quaes, nas diligencias de abrir o tumulo, praticaram um rombo n'aquelle logar. Felizmente, ficaram sufficientes vestigios da insignia e divisa d'aquella ordem, que nos attestam que D. João I fôra cavalleiro d'ella.

Nas duas faces lateraes do mausoléo estão gravados em caracteres allemães minusculos os epitaphios dos dois soberanos. São em latim, e tão extensos, que se lhes póde chamar biographias. Vamos copiar a versão que fez do del-rei o chronista fr. Luiz de Sousa, porque, além de ser interessante por se achar compendiada n'elle a vida de tão illustre monarcha, declara ao certo a data em que se começou a contar os annos pela era do nascimento de Christo, deixando-se a de Cesar, ponto em que muitos auctores discordam.

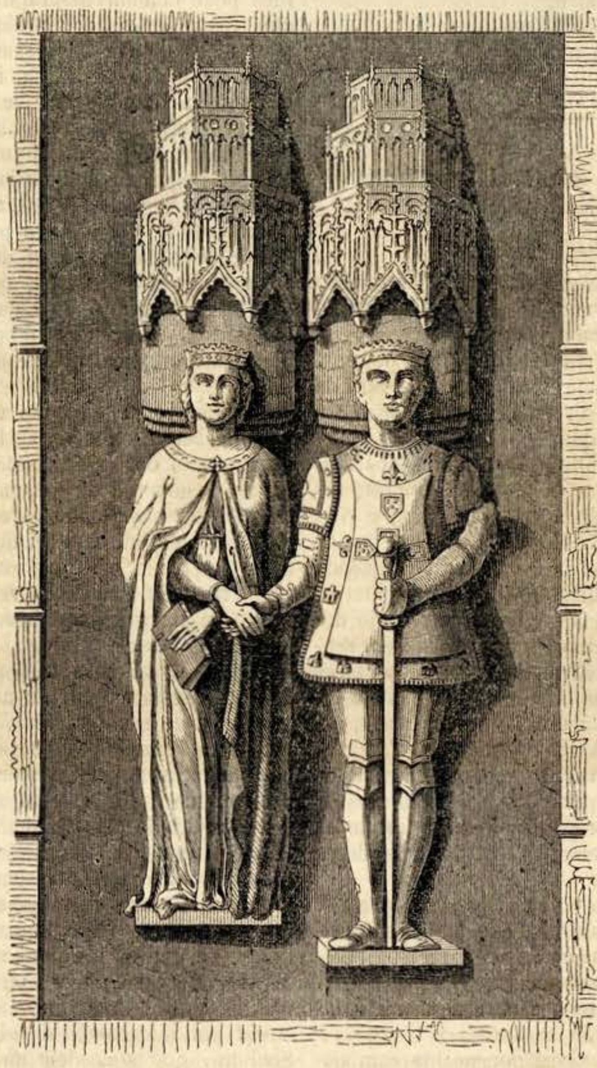
«Em nome do Senhor jaz n'esta sepultura o serenissimo, e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico, e em virtudes esclarecido principe Dom João, decimo rei de Portugal, e sexto dos Algarves, e o primeiro entre todos os christãos, que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta em Africa. Nasceu este excellentissimo rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa, no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito, e n'ella foi armado cavalleiro em edade de cinco annos por mão do serenissimo rei D. Pedro, seu pae. E tomando á sua conta depois da morte d'el-rei D. Fernando, seu irmão, o governo da mesma cidade, e de muitas outras forças, que se lhe entregaram, defendendo-a valorosamente contra el-rei de Castella, que nove mezes a teve cercada por mar com mui grossa armada, e por terra com grande exercito, accommettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

«Sendo depois levantado por rei na cidade de Coimbra com geral alegria no anno de 1385, fez por sua pessoa, e de seus capitães, grandes feitos em armas, e entrando muitas vezes pelas terras de seus inimigos, alcançou notaveis victorias: e a principal que teve a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a el-rei D. João de Castella, que trazia comsigo um poderoso exercito de seus vassallos, e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam. E logo foi ganhando á força de armas muitas forças e castellos, de que os inimigos se tinham apoderado, que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida. E conhecendo que Deus fôra o que dera a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, que succedeu na vespera da sua festa da Assumpção, por agosto, mandou á sua honra edificar este convento, que é a melhor obra de toda a Hespanha. E com desejos de maior gloria de Deus, e pretendendo que só a elle se reconhecesse n'este reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam contar nos autos e instrumentos publicos pela era de Cesar, se reduzissem ao Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo; e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dois em diante, no qual andava a era de Cesar em 1460.

«E achando estes reinos não menos estragados de costumes, que desbaratados das insolencias dos inimigos, poz diligencia em os emendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se usavam, e plantou e fez florecer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra. E procurando escusar guerras com os christãos, deixou antes da sua morte assentada com elles a paz perpetua para si e para seus suc-

cessores. E, abrazado em fogo da fé, passou em Africa com uma grossissima armada, em que havia mais de duzentas e vinte velas, a maior parte naus de grande porte, e galés reaes: e foi acompanhado n'ella do infante Dom Duarte, seu filho e herdeiro, e dos infantes Dom Pedro e Dom Henrique, e do conde de Barcellos, Dom Affonso, seus filhos; e de grande poder, e numero de animosos vassallos; com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de moiros, tomou de assalto, com espanto do mundo, a fortissima e famosa cidade de Ceuta. E, pouco tempo depois, vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes moiros da Barberia e Granada, e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos infantes D. Henrique e Dom João, e pelo conde de Barcellos, seus filhos, e por outros senhores e fidalgos; os quaes accommettendo os moiros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos; e toda sua armada desbarataram, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros: e assim livrou a cidade.

«E havendo dezoito annos menos oito dias que se cumpriam vesperas da Assumpção da Virgem Nossa Senhora do anno 1423, que a tinha tomado e fôrtificado, bastantemente contra todo accommettimento de inimigos; no mesmo dia, mez e anno acabou este gloriosissimo rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos, e de grande parte da nobreza do reino, deixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e mui poderoso rei Dom Duarte, seu filho, que á imitação de tal pae procura mantêl-a, e governal-a com estes reinos na fé de Jesus Christo.



Tumulo del-rei D. João I e da rainha D. Filippa

O mesmo rei Dom Duarte tresladou com grande honra e magestade o corpo d'elrei seu pae, acompanhando-o seus irmãos, o infante Dom Pedro, duque de Coimbra e senhor de Montemór, e o infante Dom Henrique, duque de Vizeu, e senhor da Covilham, e governador do mestrado de Christo, e o infante Dom João, condestavel de Portugal, e governador do mestrado de Santiago, e o infante D. Fernando, e o conde de Barcellos, Dom Affonso, filho do dito rei D. João: o qual ao tempo do seu fallecimento não tinha outros senão duas filhas, que estavam casadas, e viviam em suas terras com seus maridos, uma a infanta Dona Isabel, duqueza de Borgonha e condessa de Flandres, e senhora de outros muitos estados; e outra a senhora Dona Beatriz, condessa de Hontington, e Arundel em Inglaterra. Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos e bisnetos que havia d'elrei D. João, a saber: Dom Affonso, conde de Ourem, e D. Fernando, conde de Arrayolos, filhos dos condes de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto, que era o infante D. Affonso, filho primogenito d'elrei Dom Duarte: os quaes contados com os filhos faziam todos numero de vinte pessoas. Acudiram tambem e foram presentes todos os bispos que havia no reino com outros muitos prelados com grande numero de clerezia, e frades, e os senhores de terras, e alcaides-móres, e fidalgos particulares. Assim foi trazido o real corpo com muita reverencia a este convento; e entrou n'elle aos trinta dias do mez de novembro, do dito anno; e foi sepultado na capella-mór com a rainha Dona Filippa, sua unica mulher, e mãe illustrissima delrei Dom Duarte, e dos infantes ditos.

E no anno seguinte, aos quatorze de agosto, foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta capella, que para sua sepultura tinham edificado. E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima princeza Dona Leonor, rainha d'estes reinos, e as infantas Dona Isabel, duqueza de Coimbra, e Dona Isabel, mulher do infante D. João, com a maior parte dos prelados e nobreza do reino, até ficarem recolhidos em suas sepulturas. As almas tenha o Senhor Deus em sua gloria. Amen.»

O epitaphio da rainha D. Filippa é egualmente muito extenso. Trata da sua genealogia, das virtudes que a adornaram, e das principaes acções da sua vida.

Entre duas das oito columnas que sustentam a cúpula está um altar, voltado contra os pés das estatuas dos soberanos. Foi levantado para a celebração dos anniversarios funebres del-rei e da rainha.

Guardavam-se outr'ora n'esta capella sepulchral um elmo, espada e outras peças da armadura de D. João I; bem como um oratorio de madeira com sua obra de talha doirada, que pertencêra a el-rei D. João I de Castella, e que lhe foi tomado na gloriosa batalha de Aljubarrota, juntamente com muitas e valiosissimas peças de prata da sua capella e recamara, das quaes o vencedor fez offerta a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães [1]. Ha pouco ainda se conservavam na dita capella algumas d'aquellas reliquias do grande rei, e tambem o oratorio, posto que bastante damnificado. Presentemente não sabemos se ainda alli existem.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

THEMAS CLASSICOS

Não ha para que se negue a facilidade e suavidade da lingua portugueza, que para tudo tem graça e energia, e é capaz de n'ella se escreverem todas as materias dignissimamente, assim em prosa como em verso.

Duarte Nunes de Leão.

[1] Vid. pag. 137 do vol IV.